



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 85

## Escrito nas estrelas

**Branca Vianna:** Tá começando o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Eu não tenho nenhuma habilidade especial pra identificar constelações. Eu consigo achar as Três Marias, o Cruzeiro do Sul, e olhe lá. Mas eu acho fascinante olhar prum céu bem estrelado e pensar em todos os desenhos que já foram rabiscados ali. Tudo que a gente já viu, já leu, já interpretou naqueles pontos de luz. E tudo que a gente ainda tá interpretando.

No primeiro ato de hoje, a gente tem uma história que se passa nesse terreno sideral. Quem começa, daqui a pouco, é a Bia Guimarães.

---

### ATO 1 - O CARTÓRIO DOS ASTROS

**Vinícius Luiz:** Como que a gente começa?

**Bia Guimarães:** Quem me contou essa história foi o Vinícius.

**Vinícius Luiz:** Eu sou o Vinícius Luiz, sou jornalista e moro em Belo Horizonte, sou mineiro...

**Bia Guimarães:** E ele quis começar me fazendo uma pergunta.

**Vinícius Luiz:** Queria te perguntar uma coisa. Quando você foi escolher o nome dos seus pets, que critérios você usou? Por exemplo, meu cachorrinho chama Krishna Baby.

**Bia Guimarães:** Krishna Baby?

**Vinícius Luiz:** Krishna Baby, é. Eu queria dar o nome de um dos filhos da Baby do Brasil e do Pepeu Gomes. E aí, se fosse mulher, seria Sarah Sheeva, Nãna Shara ou Zabelê...

**Bia Guimarães:** Lembra do trio SNZ? Nostalgia...

**Vinícius Luiz:** Se fosse homem, tinha as opções Kryptus Rá, Krishna Baby e Pedro Baby. E aí, quando ele veio, era macho. Aí eu escolhi Krishna Baby.

**Bia Guimarães:** Depois dessa, eu fiquei até com vergonha de falar pra ele que as minhas gatas chamam Ana e Patrícia, e só.

Infelizmente eu não nasci com a criatividade da Baby e do Pepeu. E também me faltou a astúcia do Vinícius pra usar a criatividade alheia pra batizar os meus bichos.

Mas a história que ele queria me contar não tem a ver com nomes de pets, nem com nome de gente. Tem a ver com o batismo de coisas que tão *um pouquinho* mais distantes da gente.

**Vinícius Luiz:** Um dia eu estava escutando um podcast, o Radiolab, que você deve conhecer.

**Bia Guimarães:** Adoro.

**Vinícius Luiz:** Produzido lá nos Estados Unidos. E ele estava contando a história de uma quase-lua de Vênus. Que essa quase-lua passou a se chamar Zoozve a partir de uma sugestão do apresentador, que é o Latif Nasser, e é o primeiro objeto celeste batizado por um podcast da história.

**Bia Guimarães:** Uma quase-lua é um tipo de asteroide. Eu não vou te contar toda a saga do Radiolab, primeiro, porque ela é meio longa. E, segundo, porque vale a pena você escutar. O episódio chama justamente "Zoozve" – Z O O Z V E.

**Vinícius Luiz:** Escuta depois, né? Não escuta agora.

**Bia Guimarães:** A gente coloca o link lá no site da Novelo.

**Vinícius Luiz:** Isso. E aí ele descobre como é que se faz a nomeação de asteroides. E aí foi que eu fiquei obcecado pelo assunto. E eu fui atrás da lista de divulgação dos novos nomes de asteroides.

**Bia Guimarães:** É um boletim publicado de tempos em tempos pelo Working Group of Small Bodies Nomenclature – ou o Grupo de Trabalho da Nomenclatura de Pequenos Corpos<sup>1</sup>.

Esse grupo faz parte da União Astronômica Internacional. Em inglês fica com a sigla IAU, mas em português seria UAI. Muito melhor.

**Vinícius Luiz:** Uai!

**Bia Guimarães:** Muito melhor.

Os "pequenos corpos" são tipo asteroides, cometas... E essa equipe de astrônomos fica responsável pela nomeação desses corpos celestes.

Bom, alguns meses atrás, o Vinicius ficou curioso e resolveu dar uma espiada nessa lista. E ele foi passando pelos vários nomes que tinham sido dados pra pequenos corpos naquele período<sup>2</sup>.

A maioria dos batismos tava homenageando pessoas, famosas ou não, como Anabel e Mary Pearse... Outros homenageavam cidades... Tinha também o nome Pitufo, que é como os Smurfs são chamados em espanhol...

**Vinícius Luiz:** E aí lá estava o Zoozve, que o Latif Nasser deu para essa quase-lua.

**Bia Guimarães:** E mais pra baixo, lá no último lugar da lista...

**Vinícius Luiz:** E um pouco abaixo estava: Curupira.

**Bia Guimarães:** Curupira.

**Vinícius Luiz:** Curupira. Falei: "Uai, o que que esse Curupira está fazendo aqui?"

**Bia Guimarães:** O Vinícius não tava esperando encontrar, no meio de tantos nomes gringos, uma grande celebridade brasileira. Com seus cabelos cor de fogo e seus pés virados pra trás.

**Vinícius Luiz:** E o Curupira tá lá, tipo: figura mítica brasileira conhecida por defender as matas.

**Bia Guimarães:** Ele ficou curioso pra saber quem é que tinha feito aquele batismo.

**Vinícius Luiz:** Vou procurar saber quem é que colocou o Curupira aqui. E aí eu cheguei no Cristóvão.

---

<sup>1</sup> <https://www.wgsbn-iau.org/>

<sup>2</sup> [https://www.wgsbn-iau.org/files/Bulletins/V004/WGSBNBull\\_V004\\_002.pdf](https://www.wgsbn-iau.org/files/Bulletins/V004/WGSBNBull_V004_002.pdf)

**Bia Guimarães:** A verdade é que ele deu essa volta toda, foi no espaço e voltou, pra no final encontrar alguém que tava do lado dele.

**Vinícius Luiz:** Descobri que ele morava aqui em Belo Horizonte. E aí fui atrás dele. Falei: "Gente, como assim uma pessoa aqui em Belo Horizonte, na mesma cidade que eu, dá nome para asteroide? Como é que isso funciona?"

**Cristóvão Jacques:** Meu nome é Cristóvão Jacques. Eu sou formado em Engenharia Civil pela UFMG. Depois eu fiz Física também pela UFMG para complementar.

**Bia Guimarães:** O Cristóvão tem uma empresa de meteorologia. Mas, desde novinho, a paixão dele é a astronomia.

**Cristóvão Jacques:** Há mais de 40 anos eu atuo como astrônomo amador.

**Vinícius Luiz:** E aí, nos anos 90, o Cristóvão – ele ao lado de dois amigos, o Eduardo Pimenta e o João Ribeiro – eles tiveram a iniciativa de criar observatórios particulares pra ficar identificando, observando objetos celestes.

**Bia Guimarães:** Até que em 2014, eles criaram o observatório SONEAR, que fica na Serra da Piedade, perto de Belo Horizonte.

**Vinícius Luiz:** Pode ser pronunciado SONEAR ou SO-NEAR, "tão próximo", em inglês.

**Bia Guimarães:** "Tão próximo" porque o foco deles é observar asteroides e cometas que tão mais perto da Terra. "Perto" entre aspas, né.

**Cristóvão Jacques:** É um conjunto de asteroides e cometas que passam a pelo menos 195 milhões de quilômetros do Sol. Isso aí dá mais ou menos aí uns 45 milhões de distância da órbita da Terra, pelo menos.

**Vinícius Luiz:** E aí esse grupo foi o primeiro de brasileiros a descobrir um cometa a partir do Brasil.

**Cristóvão Jacques:** Chamado Cometa SONEAR 2014A4.

**Bia Guimarães:** Mas então eles ficam fazendo essas observações e de vez em quando eles olham alguma coisa ali que eles falam: "Ah, acho que isso aqui não está batizado ainda"?

**Vinícius Luiz:** É.

**Bia Guimarães:** O Cristóvão e a equipe do SONEAR já identificaram mais de 50 corpos celestes. No geral, quem descobre um objeto ganha o privilégio de dar um nome pra ele.

**Cristóvão Jacques:** No caso de cometa, existe uma regra, é o seguinte: ou ele recebe o nome/sobrenome do descobridor, ou ele recebe o nome do observatório.

**Bia Guimarães:** Tanto que aquele primeiro cometa que eles descobriram chama justamente SONEAR. E depois o Cristóvão ainda descobriu outro cometa, que foi batizado com o sobrenome dele, Jacques.

**Vinícius Luiz:** E no caso de asteroides, quem descobre também tem o direito de escolher como é que eles vão chamar. Mas é aí que as coisas não saíram dentro do planejado.

**Bia Guimarães:** Acontece que, no caso dos asteroides, as regras de nomeação são um tanto mais complexas.

**Cristóvão Jacques:** Porque isso aí vai para um comitê internacional de 11 cientistas, e eles que têm que aprovar isso aí.

**Bia Guimarães:** Esses 11 cientistas são lá da União Astronômica Internacional, lembra? Que eu vou carinhosamente chamar de UAI.

Pra um asteroide sair naquele boletim onde tavam o Zoozve e o Curupira, o Pitufio e a Anabel, significa que esses nomes passaram pelo crivo da UAI.

**Vinícius Luiz:** Quando você vai dar nome no cartório, se você chegar lá, você vai dar o nome para um filho e você quer chamá-lo de, sei lá, "Bisnaga". O cara do cartório pode falar assim: "Não, você não vai dar isso, não, que vai gerar constrangimento".

**Bia Guimarães:** Umhas regras meio que de bom senso e de...

**Vinícius Luiz:** Isso.

**Bia Guimarães:** A UAI também segue algumas regras de bom senso. Só que um tipo de bom senso bem específico pra corpos celestes. Especialmente se a gente tá falando dos asteroides que tão relativamente próximos da Terra, que são os que o SONEAR costuma observar.

**Vinícius Luiz:** E aí existe essa regra: quem está próximo da Terra, você vai ter que batizar com nomes mitológicos.

**Bia Guimarães:** De qualquer mitologia?

**Vinícius Luiz:** De qualquer mitologia. E aí tem o cinturão principal de asteroides, que fica passando ali perto de Júpiter.

**Bia Guimarães:** Ou seja, esses aí tão mais longe da Terra.

**Vinícius Luiz:** E no cinturão de lá, de Júpiter, qualquer nome está valendo.

**Bia Guimarães:** Por quê? Você sabe?

**Vinícius Luiz:** Tem uma explicação. Os que estão lá em Júpiter jamais vão chegar aqui na Terra. O Cristóvão me explicou que o Júpiter é um grande influencer.

**Cristóvão Jacques:** O influenciador do sistema solar é o planeta Júpiter.

**Vinícius Luiz:** Ele tem muita, muita gravidade. Aí esses asteroides, eles ficam por lá, então eles não vão chegar na Terra, não tem chance deles se chocarem contra a Terra. Agora, os nossos amigos que estão aqui próximos a Terra, pode acontecer.

**Bia Guimarães:** Hum...

**Vinícius Luiz:** Então você não pode dar o nome de um artista que você gosta, por exemplo, sei lá, Xuxa.

**Bia Guimarães:** Krishna Baby.

**Vinícius Luiz:** Krishna Baby, Pablio Vittar, não pode. Porque depois eles vão ganhar fama de destruidores de planeta.

**Bia Guimarães:** Calma, no momento não tem nenhuma previsão oficial de que um asteroide vai destruir a Terra, tá? E sempre tá caindo coisa aqui, fragmentos de rocha que passam pela nossa atmosfera, enfim...

A questão é: vai que cai um pedaço maior, alguma coisa capaz de afetar uma cidade, uma região, um país... É difícil, mas a gente precisa pensar no vai que.

**Vinícius Luiz:** Então tem que ser nomes mitológicos, porque os mitos ficam lá no campo da mitologia.

**Bia Guimarães:** Se der ruim com um asteroide que tem nome de figura mitológica, não tem nenhuma instituição real ou nenhuma pessoa real que vai sair difamada, linchada, mal vista pra toda a eternidade.

Então, recapitulando: no cinturão principal, mais distante da gente, os asteroides podem ter nome de banda, de artista famoso, de cidade, de gente não famosa... — aliás, Anabel é o nome da filha do descobridor daquele corpo celeste.

**Cristóvão Jacques:** Você pode dar qualquer nome, desde que você não tenha nenhuma alusão ali a alguma figura política ou alguma questão de guerra ou alguma marca.

**Bia Guimarães:** Pra ser mais específica, as regras dizem que dar o nome de uma pessoa ou de um evento que tenha ficado famoso por causa de atividades políticas ou militares não é adequado até que tenham se passado 100 anos desde a morte dessa pessoa ou da ocorrência desse evento.

Eles também desencorajam batizar o corpo celeste com o nome do seu animal de estimação – mas não dizem exatamente o porquê.

Enfim, no cinturão principal, pode quase tudo. Enquanto isso, pros asteroides mais perto da gente, geralmente se usa nomes da mitologia, por motivos de vai que. E vale qualquer mitologia. Quer dizer, pelo menos *em teoria*.

Vamos voltar pra 2014. Dez anos atrás, no mesmo ano em que o SONEAR foi criado, o Cristóvão e os companheiros dele tavam lá, examinando as imagens do espaço e, pimba. Eles acabaram encontrando um asteroide que ainda não tinha sido registrado. Então eles foram lá e formalizaram a descoberta.

**Vinícius Luiz:** Ele só era identificado pela sigla, que é 2014 – que é o ano que ele foi descoberto – RP 12.

**Bia Guimarães:** 2014 RP 12. Ele ganhou esse nome provisório, pra marcar lugar no mundo, e mais um número de identificação permanente, tipo um RG dos astros. E aí os descobridores tinham a chance de batizar ele com um nome mais personalizado.

Como esse asteroide tá no cinturão mais próximo da Terra, eles iam ter que apelar pra mitologia.

**Vinícius Luiz:** E aí, o que aconteceu. Ele e o grupo, eles fizeram uma enquete no site do no blog do Salvador Nogueira, que é um jornalista de ciência.

**Bia Guimarães:** O Salvador Nogueira tem um blog na Folha de S.Paulo chamado Mensageiro Sideral. O principal assunto dele é a astronomia, então o grupo do SONEAR fez uma parceria pra publicar essa enquete lá.

**Vinícius Luiz:** Tinha algumas opções. Tinha Mula-sem-cabeça, Curupira, Saci...

**Bia Guimarães:** Tem tanto corpo celeste com nome de mitos gregos e romanos, né? Não só os planetas do Sistema Solar, tipo Júpiter, Saturno, mas também um

monte de asteroides por aí. Vesta, Juno... Essa era a chance pra homenagear uma lenda da casa.

**Cristóvão Jacques:** E o Mula-sem-cabeça ganhou.

**Vinícius Luiz:** A Mula ficou em primeiro lugar, disparado.

**Bia Guimarães:** Disparada?

**Vinícius Luiz:** Disparada.

**Bia Guimarães:** A minha hipótese é que, se você imagina um asteroide no espaço, percorrendo uma órbita, a imagem de uma mula correndo, com fogo saindo pelas ventas, casa muito bem.

Fica legal imaginar um Saci rodando no espaço num pé só? Fica. Imaginar um Curupira com os pés virados, correndo pra trás? Fica também. Mas pô, Mula-sem-cabeça dava um quê de girl power, um mula power, sei lá. Tinha um charme extra, pelo menos na minha humilde opinião – e na da galera que votou na enquete.

A descoberta foi em 2014, e essa votação foi em 2016. Mas levou um tempo pro SONEAR mandar o pedido de batismo da Mula-sem-cabeça pra União Astronômica Internacional. Antes disso, eles precisavam conhecer melhor esse asteroide, observar melhor a órbita dele... E acabou que o pedido só foi feito no ano passado, 2023. Só que aí...

**Vinícius Luiz:** E aí, o que aconteceu... neste ano de 2024, chegou a resposta.

**Bia Guimarães:** Chegou a decepção.

**Vinícius Luiz:** De que a Mula-sem-cabeça não tinha sido aceita.

**Bia Guimarães:** Negaram a Mula-sem-cabeça.

**Vinícius Luiz:** Negaram a Mula-sem-cabeça.

**Bia Guimarães:** E eles dão uma justificativa ou é só "não"?

**Vinícius Luiz:** Deram uma justificativa. Apesar dela atender o critério de ser um ser mitológico, o avaliador escreveu que ele não sabe como se sente sobre um asteroide pró-celibato. E que a União Astronômica Internacional não quer se envolver na vida pessoal das pessoas.

**Cristóvão Jacques:** Que Mula-sem-cabeça era coisa de mulher que se relaciona com padres. Então fala: "Nós não aprovamos esse nome".

**Bia Guimarães:** Proposta rejeitada. O nome da Mula-sem-cabeça tinha sido barrado no cartório dos astros. O Cristóvão e os colegas dele ficaram arrasados.

**Cristóvão Jacques:** Eu me senti muito mal, né?

**Bia Guimarães:** Tinha dado um trabalhão fazer a enquete, mandar o pedido de batismo... E o Vinícius também ficou mal. Só que por outro motivo.

**Vinícius Luiz:** Num primeiro momento eu fiquei revoltado, porque eu achei um absurdo negarem a Mula-sem-cabeça. Antes mesmo de saber a justificativa, né? Aí, quando eu soube, eu fiquei um pouco mais revoltado, e eu comecei a elaborar.

**Bia Guimarães:** Antes de falar da revolta do Vinícius, acho que vale a gente dar uma lembrada no que que é essa lenda.

**Vinícius Luiz:** A história da Mula. Eu fui conversar com uma especialista em folclore pra poder entender melhor essa história da Mula-sem-cabeça, que é a Mauren Pavão.

**Mauren Pavão:** Eu sou doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e, atualmente, eu trabalho no Instituto Federal de Santa Catarina, no campus de São Carlos.

**Vinícius Luiz:** No mestrado, a Mauren, ela pesquisou a representação feminina nas lendas. E aí o foco dela era a Salamanca do Jarau, ou Teiniaguá. Que é uma história que tem lá no Rio Grande do Sul, de uma mulher que se transforma em lagartixa e ela seduz os homens.

**Bia Guimarães:** Ela não seduz os homens quando tá na forma de lagartixa, tá? É quando ela tá na forma de mulher. Sei lá, achei melhor esclarecer.

Enfim, nessa saga pra decifrar a Teiniaguá e pra entender a representação das mulheres no folclore, a Mauren também estudou a Mula-sem-cabeça.

**Mauren Pavão:** Ela é conhecida como burrinha de padre e burrinha.

**Bia Guimarães:** Dependendo da região do Brasil que você mora, tem mais ou menos chance de você ter cruzado com a história da Mula-sem-cabeça

Mas diferente do Curupira, do Saci, do Boto, esse não é um mito de origens indígenas. Essa personagem não é nativa, e nem exclusiva do folclore brasileiro.

**Mauren Pavão:** Ela surgiu na Península Ibérica, foi trazida pra América Latina durante a colonização.

**Vinícius Luiz:** E aí existem versões na Argentina, no México...

**Bia Guimarães:** Os detalhes podem mudar um pouquinho dependendo da versão. Mas, basicamente, é a história de uma mulher que se relaciona com um padre. E aí, como uma espécie de maldição, ela é transformada numa mula que galopa por aí com fogo saindo pelas ventas. Ou então numa mula que tem fogo no lugar da cabeça, mesmo.

**Vinícius Luiz:** Eu até peguei aqui, quer ver, um trechinho aqui do Câmara Cascudo, que é um folclorista super importante. Ó:  
"Mula-sem-cabeça: é a forma que toma a concubina do sacerdote. Na noite de quinta para sexta-feira, transformar-se-á num forte animal de identificação controvertida na tradição oral, e galopa, assombrando quem encontra. Lança chispas de fogo pelas narinas e pela boca. Suas patas são como calçadas de ferro. A violência do galope e a estridência do relincho são ouvidas longamente."

**Bia Guimarães:** Segundo a lenda, é isso que dá se engrajar com padre. Enquanto isso, o padre – que era quem de fato tava comprometido com o celibato, né? –, ele fica de boas.

**Vinícius Luiz:** Ela namora o padre, o padre continua padre. Ela se torna mula-sem-cabeça e o padre não é responsabilizado.

**Mauren Pavão:** O Câmara Cascudo, ele afirma que muito provavelmente não havia punição ao padre na narrativa, porque, no entendimento popular, a punição a ele se daria não no plano terreno, mas no plano divino.

**Bia Guimarães:** É tipo aquele "na volta a gente compra", só que "na volta a gente pune ele sim, podexá".

**Mauren Pavão:** Então é aquela coisa, o homem tudo pode. Faz parte, é o pecadinho que ele cometeu. A mulher, não. A mulher, ela tem que ser então amaldiçoada, né?

**Bia Guimarães:** Essa história – assim como quase qualquer história – reflete bem o contexto em que ela surgiu.

Na época da colonização, a lenda tinha um objetivo claro, uma moral clara: a mulher é um risco. Ela é a sedução, o pecado. O pobre do homem é uma vítima. Não importa quem firmou o acordo divino, são as mulheres que devem se comportar. Senão, já sabe.

**Vinícius Luiz:** Existem algumas versões da lenda que falam que se o padre quiser, ele pode fazer alguma alguma forma ali de retirar a maldição. E, olha, pra você ver, ele não é punido e ele ainda fica com essa autoridade de dar ou retirar a maldição.

**Bia Guimarães:** Em teoria, uma Mula-sem-cabeça poderia surgir em qualquer canto do mundo. Poderia ser qualquer mulher que se envolveu com qualquer padre. Isso significa também que não tem limite pra quantas Mulas-sem-cabeça podem existir por aí.

**Vinícius Luiz:** E aí é engraçado porque pode existir no mundo inteiro Mula-sem-cabeça. Mas no céu, que está sobre nossas cabeças, não pode porque o grupo de trabalho não permitiu.

**Bia Guimarães:** Vamos voltar pra saga do batismo do asteroide "Mula-sem-cabeça". Pra essa tentativa de batismo, na verdade.

Então, quando finalmente o grupo do SONEAR fez o pedido pra batizar aquele asteroide que eles tinham descoberto lá em 2014, a União Astronômica Internacional respondeu que, não, não ia rolar chamar ele de Mula-sem-cabeça.

Porque essa lenda é moralista demais, ela mostra a doutrinação da igreja católica, ela prega o celibato, ela quer interferir na vida pessoal das pessoas... A resposta é não.

E assim, não tem nenhuma mentira aí, né? A história é mesmo tudo isso. E mais do que isso: ela coloca a mulher num papel horrível, ela deixa o homem sair impune... Ela é moralista, machista, ponto.

O Vinícius sabe disso tudo. E ele concorda que a gente tem que problematizar essa e outras histórias antigas. O que ele ficou pensando é se impedir a Mula-sem-cabeça de galopar espaço afora é mesmo a melhor saída.

**Vinícius Luiz:** Depois de ser impedida de amar e ser transformada em uma mula, ela não pode receber uma homenagem no céu.

**Bia Guimarães:** Então é como se a gente estivesse olhando pra essa história e falado: "Meu, ela já foi punida na história, punida de uma maneira muito drástica. Agora a gente não pode nem pensar nela de outra forma? Homenagear ela de alguma maneira. Então ela está sendo punida, como se ela tivesse sendo punida de novo". É isso?

**Vinícius Luiz:** Exato. Ela não consegue redenção de forma alguma. Ela parece condenada eternamente.

**Bia Guimarães:** Na lenda, a Mula-sem-cabeça só pode se libertar se o padre, por boa vontade, decidir quebrar a maldição.

De certa forma, é como se o batismo desse asteroide desse pra gente uma chance de – pelo menos simbolicamente – quebrar essa maldição também. Da gente dar

um desfecho diferente pra essa história. De prestar uma homenagem pra vítima, pra essas mulheres que foram – e ainda são – punidas por causa dos pecados dos homens.

**Vinícius Luiz:** Mauren, essa pauta...

**Bia Guimarães:** O Vinícius contou pra Mauren toda a saga do batismo do asteroide. E ela também ficou revoltada.

**Vinícius Luiz:** Então, você acha que a Mula mereceria ganhar esse nome?

**Mauren Pavão:** Com certeza. Com certeza mereceria.

**Bia Guimarães:** Ela não só acha que a Mula-sem-cabeça daria um ótimo nome prum asteroide, como a Teiniaguá também.

**Mauren Pavão:** Elas corrompem a sociedade da qual fazem parte, né? E mesmo sabendo que as normas sociais devem ser obedecidas, elas desobedecem essas normas, e sofrem as pesadas punições então impostas a essas mulheres transgressoras.

**Vinícius Luiz:** Era uma oportunidade mesmo de ter essa discussão. Mas aí foi pro espaço [ri], desculpa o trocadilho.

**Bia Guimarães:** Mas não foi só isso que deixou o Vinícius revoltado.

**Vinícius Luiz:** E aí eu fiquei pensando, assim, também que o nome de outros corpos celestes, assim, trazem histórias horríveis, né? Você tem Medeia. A Medeia da mitologia ela mata os filhos, né? É uma coisa super complicada. Em 2029 vai vir um asteroide que vai passar aqui perto da Terra, acho que é dia 13 de abril de 2029, que dá numa sexta-feira. Então assim, não procure isso no Google porque você vai achar muita fake news falando que nós vamos morrer. O nome dele é Apophis, o nome desse asteroide. E Apophis é simplesmente um demônio egípcio do caos. Ele simboliza todo o mal do universo.

**Bia Guimarães:** E tem lá o nome dele, e ele passou.

**Vinícius Luiz:** Passou super tranquilo. Vai passar aqui dando tchauzinho pra Terra.

**Bia Guimarães:** Daria pra fazer uma lista imensa com os nomes de personagens *complicados* da mitologia grega e romana que já ganharam homenagem no espaço. Mitos com histórias super violentas.

Saturno castrou o pai. Zeus condenou Prometeu à tortura eterna. Tântalo serviu o próprio filho num banquete.

Claro que, na época em que os planetas e vários outros corpos celestes importantes foram batizados, o mundo era outro. É natural que hoje a gente pense sobre essas homenagens de um jeito diferente, e que a gente crie regras alinhadas com o presente. Tanto é que, mesmo no cinturão principal, onde os critérios de nomeação são bem mais livres, tem aquela regra sobre não batizar asteroides com nomes que façam alusão a políticos ou às guerras que tenham acontecido nos últimos 100 anos, e por aí vai... Que bom que essas regras existem.

Mas, ao mesmo tempo, quando a gente tá falando de mitos, dos seres imaginários que acompanham a humanidade ao longo da história, também é natural que eles sejam imperfeitos. Às vezes até bizarros. Mas todos eles dizem alguma coisa pra gente, seja sobre o mundo de antes ou de hoje. E problematizar eles não significa fingir que eles nunca existiram, ou que o mundo em que eles foram criados nunca existiu. Pelo contrário.

Só que, no caso da Mula-sem-cabeça, ainda tem outra coisa. É que ela não é a vilã da história dela, né? Pelo menos não quando a gente olha com os olhos de hoje.

Depois da nossa conversa, eu e o Vinícius resolvemos mandar um e-mail pra União Astronômica Internacional. Pra fazer essa pergunta que ficou na nossa cabeça.

**Vinícius Luiz:** Por que que a Medeia pode e a mula não pode?

**Bia Guimarães:** E a gente até falou que, pra gente, batizar o asteroide com o nome da Mula-sem-cabeça poderia simbolizar uma redenção pra ela. Mas eles não ficaram contagiados pela ideia. Eles deram uma resposta<sup>3</sup> até mais crítica do que a primeira negativa que o Cristóvão recebeu:

"A razão pela qual o nome foi rejeitado é que a história promove apenas o celibato feminino. O padre não é punido, só a mulher. A história é misógina".

Eles também disseram que, como a lenda envolve um padre, que essa seria uma história religiosa, católica. Que é diferente dos outros nomes, que vêm da mitologia antiga.

Bom, essa parte também daria pra discutir. A Mula-sem-cabeça não é uma história católica em si, é folclore popular, ela não tá na bíblia.

---

<sup>3</sup> Dear Bia, The reason for the rejection was that it was promoting only female celibacy. The priest in the story is not transformed into a mule, only the woman. So the story is misogynist. It promotes only female virginity. And since the story involves a priest, this is a Catholic religious story, not an ancient myth. This is different from other mythological names that are mostly ancient in origin. Gareth Williams, PhD. Secretary, IAU WG Small Body Nomenclature.

Ao mesmo tempo, os deuses da mitologia grega também são fruto de crenças religiosas. Mas, enfim... eu e o Vinícius decidimos largar o osso.

O Cristóvão e os companheiros dele do SONEAR também seguiram em frente. Ano passado eles já tinham batizado um asteroide de Saci, e esse ano eles emplacaram o Curupira, que o Vinicius ficou surpreso de encontrar lá no boletim de novos pequenos corpos.

Por enquanto, aquele asteroide que era pra chamar Mula-sem-cabeça continua só com o número que ele recebeu da UAI, e aquela identificação provisória, 2014 RP 12. Mas eles têm planos de mandar um novo pedido, agora com o nome de Caipora. Que é uma protetora das florestas, assim como o Curupira.

Caipora é um nome incrível também. Uma entidade indígena, feminina, braba. A gente torce pra que ela seja aceita sem problemas – e provavelmente vai. Mas o espaço é tão grande. Tem tanto asteroide pra gente batizar. Não custava nada ter uma Mulinha também.

**Bia Guimarães:** E se fosse você que ia batizar, você descobrisse algum um asteroide, né. Você tem alguma ideia?

**Vinícius Luiz:** Ai meu Deus, porque eu estou contaminado pela Mula-sem-cabeça.

**Bia Guimarães:** É que também agora você quer justiça, né.

**Vinícius Luiz:** Eu quero justiça [risos].

**Bia Guimarães:** Justiça para Mula-sem-cabeça. Free Mula-sem-cabeça. Se não recebeu sua justiça na Terra, que receba entre os astros.

**Bia Guimarães:** Você lembra que toda essa história começou quando o Vinícius ouviu aquele episódio do Radiolab, né? Sobre o Zoozve, a quase-lua que foi batizada assim graças ao podcast.

Por causa disso, a UAI e o Radiolab fizeram uma parceria e abriram um concurso<sup>4</sup> pro público ajudar na escolha do nome de uma outra quase-lua. O nome precisa ter no máximo 16 caracteres e precisa ter origem em alguma mitologia, de qualquer cultura.

Vai até setembro de 2024, e gente do mundo inteiro pode participar. Então, se você tiver uma ideia, aproveita a chance.

---

<sup>4</sup> <https://woobox.com/wc2qxd>

E, se por acaso você se sentir contagiado a sugerir o nome da musa desse episódio, a Mula-sem-cabeça, vai em frente. É aquelas, né, o não a gente já tem, literalmente. Vai que.

O link do concurso tá no site da Rádio Novelo.

---

**Branca Vianna:** Essa foi a Bia Guimarães com o Vinícius Luiz.

Nosso segundo ato hoje começa na adolescência. Um momento em que a gente tá definindo nosso destino, traçando nosso caminho. E qualquer empurrãozinho pode parecer um recado cósmico. Quem trouxe essa história pra gente foi a Juliana Deodoro.

---

## ATO 2 - QUASE VERÍSSIMO

**Sarah Westphal:** Nunca ninguém te pergunta: “Qual é a história mais esquisita que já aconteceu contigo?” Porque seria o único contexto em que eu contaria essa história, sabe?

**Juliana Deodoro:** Essa é a Sarah.

**Sarah Westphal:** Eu não conto essa história, eu não conto pra ninguém. Tô contando aqui porque você perguntou.

**Juliana Deodoro:** Eu perguntei porque eu queria ouvir a versão dela. Mas eu já conhecia essa história.

**Sarah Westphal:** Eu fico meio que nem tímida de falar sobre isso. Por isso não tenha contado essa história muitas vezes na minha vida.

**Juliana Deodoro:** Não, eu não fui uma das poucas pessoas que ouviram essa história diretamente da Sarah. Uma amiga em comum foi quem me contou.

E aí, quando a gente se conheceu, pra mim, ela já era a "Sarah, daquela história...", sabe? Mas hoje, aqui, eu vou fazer diferente. Primeiro, ela vai se apresentar.

**Sarah Westphal:** Coisas que eu tenho certeza: meu nome é Sarah, eu tenho 40 anos e para por aí. Eu moro na Austrália agora, me formei em jornalismo...

**Juliana Deodoro:** Essa é a Sarah hoje. Mas essa história aconteceu com a Sarah de 22 anos atrás. E quem acabou me apresentando essa Sarah, de 22 anos atrás, foi outra pessoa: o Valter Maldonado, o Valtinho.

**Sarah Westphal:** Eu diria assim: ela não era uma menina popular, não era uma menina popular "ahhh tal", mas era uma menina iluminada. Era a menina que se destacava dentro daquele silêncio, daquela timidez dela, assim.

**Juliana Deodoro:** O Valtinho foi professor de cursinho pré-vestibular da Sarah em 2002, quando ela tinha 18 anos. E não dá pra contar a *tal história* sem ele. Até porque, como um bom professor de cursinho, ele ajuda a trazer uma pitada a mais de emoção pra essa história.

**Sarah Westphal:** Eu tenho tudo isso muito claro. Eu talvez hiperbolize uma coisa ou outra, mas eu tenho isso muito claro: a história toda, o caminho todo que foi criado, construído, que é belíssimo.

**Juliana Deodoro:** Bom... tudo começou numa sala de aula de um cursinho preparatório pro vestibular de medicina na cidade de Florianópolis, em Santa Catarina. E tudo começou por causa de um amor não correspondido. Amor é um pouco exagero, vai: a Sarah tinha um ficante que tava dando aquela... enrolada básica.

**Sarah Westphal:** No painel da minha vida amorosa, ele não foi significativo. Mas, naquele tempo, vamos lá: a Sarah do cursinho achava ele a coisa. Ele é lindo, lindo, querido, educado, me ligava todos os dias mas não me ligava no domingo.

**Juliana Deodoro:** Ele não ligava no domingo...

**Sarah Westphal:** Eu achava que, se fosse pra me namorar, ia me ligar no domingo, porque domingo é o dia de ficar em casa, ver a família, conhecer os amigos, entende? Se essa pessoa não me liga no domingo, não quer nada comigo.

**Juliana Deodoro:** Grandes certezas e grandes problemas existenciais da juventude. Quem nunca. Mas o que importa, nessa história, foi o que a Sarah fez com esse problema. Com essa frustração. Ela escreveu um texto.

E não foi que o texto baixou num momento de inspiração, sozinha em casa. Talvez depois de mais um domingo sem telefonema? Não. O texto nasceu depois de ver uma aula de gramática no cursinho. Uma aula sobre dígrafos.

Eu não lembrava (os dígrafos não me marcaram tanto assim), mas dei uma pesquisadinha aqui e dá pra resumir: o dígrafo acontece quando duas letras juntas formam um único som, tipo os dois "erres" da palavra "guerrilha". Ou o Q e o U em "queijo".

A professora de gramática — que não era o Valtinho, né, era uma professora — deu exemplos de palavras com e, também, sem dígrafo. Como "quase". Em "quase", a gente ouve o som do U, ao contrário de "queijo".

**Sarah Westphal:** Eu achei aquilo... e pensei "nossa, eu odeio essa palavra".

**Juliana Deodoro:** Eu não sei o quão apaixonado pela língua portuguesa você é a ponto de odiar uma palavra. Mas a Sarah odiava a palavra "quase".

Pois bem. A Sarah teve esse gatilho de inspiração, e escreveu um texto sobre a palavra "quase" no caderno dela. Alguns dias depois dessa aula sobre dígrafos, ela teve uma aula de redação — aí, sim — com o Valtinho. Naquele dia, ele tava falando sobre o equilíbrio nos textos — e na vida — e usou o exemplo do pêndulo.

**Sarah Westphal:** Se o pêndulo ficasse sempre no meio, ele não viveria os extremos — não seria tão feliz ou tão triste, se a gente comparasse com as nossas próprias emoções. E eu acabei me lembrando do texto que escrevi. E, como esse professor era muito querido, e eu achava ele muito inteligente — ele ainda é muito inteligente —, eu resolvi passar esse texto pra frente. Eu arranquei a folha de caderno. Passei o texto pra frente e eu nunca imaginei que ele leria em voz alta.

**Valtinho:** "Valtinho, dá uma olhada nesse texto que a Sarah fez". E me deu um caderno, com um texto escrito a lápis. E eu li o texto apagando o quadro, apagando o quadro e lendo o texto. Tipo assim: "Vem mais um texto de alguém, vai ser mais um texto pra mim". Eu li o texto, eu fui ler e fui parando de apagar o quadro... e eu fui me absorvendo por aquilo quando terminou, eu falei assim: "Pelo amor de Deus, o que é isso?"

**Juliana Deodoro:** Ele foi arrebatado. Arrebatado pelo "Quase".

**Sarah Westphal:** Eu lembro de estar assim, tremendo porque eu não estava esperando que fosse lido. A sala do cursinho era uma sala grande. E, se eu soubesse que ele ia ler em voz alta, eu nunca teria passado. Jamais! Eu lembro de tremer, e, claro, ficar feliz depois, quando as meninas adoraram e vieram falar comigo depois da aula. Eu fiquei feliz, assim: "Ai que bom! Acharam bonito".

**Juliana Deodoro:** Essas meninas que adoraram o "Quase" pediram uma cópia dele pra Sarah. Ela digitou, mandou por email e, pra ela, a história tinha acabado ali.

No fim do ano, a Sarah foi aprovada no curso de medicina. E, a princípio, parecia tudo muito certo. Parecia que a vida dela já tava meio planejada. O pai e dois irmãos dela são médicos... a mãe dela é enfermeira... e era muito natural pra ela seguir essa mesma trajetória.

**Sarah Westphal:** Então eu me espantei muito quando dois anos depois uma amiga falou assim: "Ah, você não vai acreditar, eu recebi seu texto por e-mail", "eu recebi seu texto por e-mail" de novo... até que eu comecei a receber o texto por e-mail. E pensei: "Nossa, esse texto é meu, mas eu não sou o Luis Fernando Veríssimo".

**Juliana Deodoro:** Luis Fernando Veríssimo. Se você nunca leu nada dele, certamente já ouviu falar dele. E se você nunca ouviu... bom, bem-vindo ao planeta Terra.

Pois é. Aquele texto que a Sarah escreveu no cursinho, que falava da frustração com o ficante, que o Valtinho leu pra sala toda, tinha ganhado o mundo. Mas, pro mundo, ela não era a autora. Pro mundo, o "Quase" era do Luis Fernando Veríssimo.

Por algum motivo, em algum momento, por ação de alguém, as palavras escritas de lápis em uma folha de caderno deixaram de ser dela e passaram a ser do Veríssimo – um dos autores mais famosos do país, que toda semana tinha crônicas publicadas no Zero Hora e n'O Globo. E a Sarah passou a conviver com dois sentimentos conflitantes.

**Sarah Westphal:** É uma honra você ter alguma coisa que você escreveu sendo comparado ao que ela é um dos maiores escritores brasileiros, que você conhece, que você admira. Então você entende que tem uma parte que você pensa assim: "Poxa, nossa, alguém

achou esse aqui tão bom que poderia ser do Veríssimo?" Você fica orgulhosa, assim, feliz. Ao mesmo tempo, eu sempre também ficava um pouco incomodada, porque pensava assim: "Mas esse texto é meu, e eu falo que esse texto é meu, então eu acabo passando por mentirosa", sabe?

**Juliana Deodoro:** E cada vez que o texto aparecia por aí, a Sarah tentava argumentar. Mas não adiantava. Amigos da faculdade não acreditavam nela. Pessoas da internet não acreditavam nela. Até o próprio Valtinho, que tava lá quando tudo aconteceu, teve um momento de dúvida.

**Sarah Westphal:** Uma ex-aluna minha, também muito querida, me encontrou e me disse: "Valtinho, aquele texto que a Sarah escreveu é da Sarah, mesmo?" Aquilo me deu um frio na espinha. Eu falei: "Putá merda". A mina copiou esse texto. Esse texto não é dela. E eu falei "Por que?" Minha irmã está morando na Itália e minha irmã recebeu esse texto em italiano! Dizendo que é do Luis Fernando Veríssimo. Eu falei: "Nossa, cara!", mas me deu uma mistura de raiva e insegurança. Falei: "Putá que pariu..." – desculpa, eu não sei se pode falar palavrão " – e eu falei: "Meu, me enganou, me enganou, me enganou". Mas, por via das dúvidas, eu falei: "Pô!", parei pra refletir um pouco... "Mas Luís Fernando Veríssimo não escreveria esse texto".

**Juliana Deodoro:** Pra garantir, o Valtinho chegou a escrever pra própria Sarah – ele mandou uma mensagem pra ela no Orkut – perguntando se ela tinha "se inspirado" em alguém pra escrever o "Quase"... e ela jurou, claro, que era dela.

Eu sei que hoje é fato sabido, e até piada na internet a quantidade de textos falsamente atribuídos à Clarice Lispector, ao Caio Fernando Abreu, ao Fernando Pessoa – e ao próprio Veríssimo.

Mas aqui, a gente tá falando do início dos anos 2000. Não existiam virais como a gente conhece – e muito menos grupos de WhatsApp. O texto da Sarah foi espalhado por e-mail mesmo.

Se você for 30+, com certeza se lembra do tempo em que as pessoas enviavam powerpoints com trilha sonora, imagens animadas de paisagens, borboletas voando e um texto em Word Art.

Foi assim que o "Quase" ganhou o mundo. E, quando acontece uma coisa dessas, não tem muito como controlar, né? Ainda mais se você é uma jovem desconhecida de 20 e poucos anos.

A Sarah escreveu pros jornais na tentativa de reivindicar a autoria do texto – e não teve nenhuma resposta. Foi pra grupos do Orkut fazer a mesma coisa e... nada. O texto continuava sendo usado, lido, replicado, como sendo do Veríssimo. E isso passou a incomodar cada vez mais.

**Sarah Westphal:** Eu acho que a gente tem uma relação muito única com aquilo que é o nosso pensamento, sabe? É como uma foto sua, sabe? Ela é muito transparente, é muito seu. Mas eu queria dizer que aquilo, sim, aquilo tinha dono, entende? E não importa se é bonito ou feio, importa é que é meu, entende?.

**Juliana Deodoro:** Entre todas essas apropriações, e todas as vezes que ela foi desacreditada ou tratada como mentirosa, teve um episódio que marcou muito a Sarah - e que o Valtinho também tava presente.

**Sarah Westphal:** Estou eu na formatura do Afonso, que é irmão dela, como professor. O cursinho que ela fez, na hora de entregar o diploma não entrega o diploma, né, entrega o canudo. E dentro tem um texto. Enfim, eu abri o texto. E estava escrito ali o "Quase" assinado pelo Luis Fernando Verissimo. Eu virei para todo mundo na mesa dos professores e falei: "Esse texto não é do Luís Fernando Veríssimo. É da Sarah, uma menina que estudou aqui". E eu sem saber. A Sarah estava na formatura, obviamente, que era a formatura do irmão dela do terceiro ano. E aí ela me manda – não sei se ela se lembra disso – mas ela manda um recado pra mim, e eu lembro que era um motorolinha daqueles muito antigos – mandou assim: "Nem mesmo na escola que eu escrevi o texto as pessoas sabem que o texto é meu".

**Juliana Deodoro:** Ali, a Sarah sentiu que a batalha dela tava realmente perdida.

**Sarah Westphal:** Aí, a minha mãe falou assim: "Olha, esse texto veio como do Luis Fernando Veríssimo, mas é da minha filha Sarah" – isso na formatura. E aí a pessoa do lado fez um "afff", tipo assim: "Louca, mentirosa". Então ela ficou chateada. Não é muito legal isso. Era muito difícil de provar, né?

**Juliana Deodoro:** Tudo começou a mudar no dia 24 de março de 2005.

Era uma quinta-feira, véspera de Páscoa. Naquele dia, a coluna do Veríssimo no jornal O Globo, começava assim:

*A internet é uma maravilha, a internet é um horror. Não sei como a humanidade pôde viver tanto tempo sem email e o Google, não sei o que será da nossa privacidade e da nossa sanidade quando só soubermos conviver nesse cyberuniverso assustador.*

Como o bom cronista que o Veríssimo é, ele já conseguia prever, há quase 20 anos, o que a gente tá vivendo hoje. A crônica continua assim:

*Já li vários textos com assinaturas improváveis na internet, inclusive vários meus que nunca assinei ou assinaria. [...] O incômodo, além dos eventuais xingamentos, é só a obrigação de saber o que responder em casos como o da senhora que declarou que odiava tudo o que eu escrevia até ler na internet um texto meu que adorara, e que claro, não era meu.*

*O texto que encantara a senhora chama Quase e é mesmo muito bom. Tenho sido elogiadíssimo pelo Quase. Pessoas me agradecem por ter escrito o Quase. Algumas dizem que o Quase mudou suas vidas. Uma turma de formandos me convidou pra ser patrono e na última página do caro catálogo da formatura, como uma homenagem a mim, lá estava inteiro, o Quase. Não tive coragem de desiludir a garotada.*

Sim, não é que o Veríssimo apenas sabia da existência do texto da Sarah. Ele também teve um momento dele, em outra formatura - e detalhe: ele não conseguiu desmentir a autoria do "Quase". E, como se tudo isso não bastasse, ele termina a coluna com um aviso.

*Eu gostaria de encontrar o verdadeiro autor do Quase para agradecer a glória emprestada e para lhe dar um recado. No Salão do Livro de Paris, na semana passada, ganhei da autora um volume de textos e versos brasileiros muito bem traduzidos pro francês, com uma surpresa: eu estava entre Clarice*

*Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e outros escolhidos, adivinha com que texto. Em francês, ficou Presque.*

APENAS.

**Sarah Westphal:** É inacreditável, não é? Fico sem palavras até hoje. Não é muito legal? Eu nunca imaginei que isso poderia acontecer. Eu estava sempre com aquele medo de receber um puxão de orelha no jornal, e acabou que foi super legal.

**Juliana Deodoro:** A Sarah, aos 21 anos, foi incluída numa coletânea com os maiores escritores brasileiros – numa coletânea lançada no Salão do Livro de Paris.

Quer dizer, um texto escrito pela Sarah tinha sido incluído, né? Porque ele foi publicado como sendo do Veríssimo. Mas esse reconhecimento público que ele fez, revelando que o texto não era dele, deu uma volta na vida dela.

A Sarah procurou o jornal e se identificou. E, dessa vez, ela foi ouvida e recebeu o número do fax do Veríssimo. Ela mandou um fax contando quem era ela. E, na semana seguinte, na mesma coluna, o Veríssimo escreveu:

*Apareceu a autora do Quase, o texto que rola na internet atribuído a mim e que eu, relutantemente, tenho que repetir que não é meu. Ela se chama Sarah Westphal Batista da Silva, tem 21 anos, é de Florianópolis, escreveu o texto "inspirada por um menino que não me namorou, mas quase", mandou o texto por email a várias amigas e dois anos depois teve a surpresa de vê-lo impresso com a minha assinatura.*

Quando essas colunas do Veríssimo saíram, a Sarah já tava no quarto período de medicina. Quer dizer, ao mesmo tempo em que ela tentava falar pras pessoas que era a autora do "Quase", a Sarah tava tendo aulas de anatomia, fisiologia, bioquímica... e ela tava odiando.

O "Quase" ficava ali na cabeça dela como uma lembrança de uma coisa que não foi. Ela tava bem infeliz, mas tava difícil criar coragem pra pular fora. E aí veio essa coluna do Veríssimo pra dar uma forcinha. No finzinho do texto, ele diz assim:

*A Sarah está no quarto semestre de medicina, mas sonha em largar a faculdade e começar a escrever. Olha aí editores. Ela nem começou e já foi traduzida na França.*

Com a publicação das colunas, a Sarah passou a ser procurada por várias pessoas que queriam falar sobre o texto e sobre como ele tinha impactado a vida delas.

**Sarah Westphal:** Foi uma experiência muito mais legal, assim, ver que as pessoas estavam usando aquele texto para alguma coisa. Eu entendi que aquilo ali tinha um espaço na vida delas. Eu achei muito poderoso. Talvez seja essa a palavra. Eu queria abraçar as pessoas hoje, assim, por serem tão queridas e mandar mensagens e mandar tanto carinho, sabe? Elas foram muito, muito legais e foi muito bonito elas quererem compartilhar comigo que usavam o texto para ensinar teatro para as crianças, usavam o texto como um amuleto na carteira, levava o texto pra tudo quanto é lugar, e usava no escritório de psicologia. Pra mim, essa foi a parte mais bonita, sem dúvida nenhuma. E achei muito tocante.

**Juliana Deodoro:** A escolha da Sarah pela medicina tinha a ver com a família dela e com a estabilidade financeira que ser médico no Brasil dá. Mas passava também pela vontade que ela tinha de ter um impacto positivo na vida das pessoas. E, bom, ela tava descobrindo que dava pra fazer isso de outro jeito. Escrevendo. Isso foi fundamental na decisão da Sarah de trancar a faculdade de medicina e entrar pro jornalismo.

A faculdade de jornalismo, essa sim, a Sarah cursou até o final – e o TCC dela, olha só, foi sobre direitos autorais. Ela criou um guia que explicava como registrar textos online - e na Biblioteca Nacional. Esse material também ensinava como fazer um contrato pra autorizar ou ceder direitos autorais. Ela aprendeu a lição. Literalmente.

Eu não sei se você já leu, ou já ouviu o "Quase". Provavelmente sim, tá? Porque é isso: ele já foi usado em tudo que você pode imaginar. Até numa novela da Globo. Foi em *Mulheres Apaixonadas*, que foi ao ar em 2003, ou seja, no auge do compartilhamento dos powerpoints animados. Talvez você lembre da personagem Estela, interpretada pela Lavínia Vlasak. Ela tinha um romance — ou um *quase* romance — com um padre, o Pedro. E a Sarah tava lá, ajudando no xaveco dos dois.

### **Trecho Mulheres Apaixonadas**

**Estela:** *Sabe que outro dia eu li uma frase, que eu fiz questão de anotar pra não esquecer. Para os erros há perdão, para os fracassos uma nova chance, para os amores impossíveis, tempo.*

**Juliana Deodoro:** Sim... a Estela andou pra Fleabag correr!

Mas, além de inspirar esse amor impossível — que nem era tão impossível, já que a Fleabag brasileira ficou com o padre no final — o texto já foi usado também em anúncio de publicidade, inspirou um espetáculo de dança, e teve até uma marca que fez adesivos com algumas frases pra colar na parede de casa. A Sarah entrou na justiça contra eles por danos morais e recebeu uma indenização, além de uma porcentagem sobre as peças vendidas dali em diante.

Hoje, se você procurar na internet, você vai encontrar tudo isso - além de muitos vídeos no TikTok com pessoas diferentes lendo o texto pra câmera. Tem também uma gravação no YouTube da Ana Carolina, a cantora, declamando o "Quase" num show. Mas, de todas essas versões, a minha preferida é o rap "Autógrafo" do angolano dBr:

*Explora, vive, amadurece o "eu"  
Fora é mandatório, dentro é pr'a quem escolheu  
Porque embora quem quase morre esteja vivo  
Quem quase vive já morreu*

**Juliana Deodoro:** *"Explora, vive, amadurece o "eu"/ Fora é mandatório, dentro é pr'a quem escolheu/ Porque embora quem quase morre esteja vivo/ Quem quase vive já morreu."*

Esses dois versos finais, que o dBr pegou emprestado, são os mais famosos do "Quase". Eu acho que o segredo do "Quase" é essa urgência de viver, que aparece de formas diferentes. A Sarah se irrita com a "maldita mania de viver no outono". Ela pergunta por que que a gente escolhe uma vida "morna". E ela mesma responde, que é porque "falta coragem pra ser feliz". O mais irônico é que a Sarah achava que ela tava falando do peguete dela, mas, no final, ela tava falando de si mesma.

**Sarah Westphal:** Sim, sim, coragem era o que me faltava. Eu me achava muito corajosa pra escrever no caderno, guardar no

caderno e deixar ali. Que bom que no final das contas deu toda essa volta.

**Juliana Deodoro:** Nos últimos vinte anos, a vida da Sarah deu muitas voltas – como as vidas costumam dar. Ela trabalhou em São Paulo, chegou a conhecer o Veríssimo, foi pra Austrália aprender inglês, acabou ficando mais do que ela tinha planejado, conheceu um cara num aplicativo, e agora eles estão juntos há sete anos e já têm o primeiro filho. Hoje em dia, a Sarah não escreve muito.

**Sarah Westphal:** Eu acho que a gente escreve melhor quando a gente está menos feliz. Quando a gente está feliz e não tem tempo de escrever, entende?

**Juliana Deodoro:** Nessa história toda, eu fiquei com uma coisa na cabeça. Uma pergunta que eu não conseguia largar. Como diabos aquele texto viralizou?

A Sarah não faz ideia, tá? Mas eu tenho uma hipótese. É que na lembrança da Sarah, naquele fatídico dia, ela copiou o texto pra umas poucas colegas e fim. Só que ela também deixou uma cópia com ele... o Valtinho.

**Sarah Westphal:** Eu peguei esse texto, botei na minha carteira e ficou muito tempo na minha carteira. Só que, naquela época, sério, eu dava aula em oito cidades em Santa Catarina: Florianópolis, Balneário Itajaí, Brusque, em Timbé do Sul, e em 63 turmas. Em todas as turmas que eu fui, eu comecei a aula lendo esse texto. Eu lia para todo mundo, pra todas as turmas. Algumas pessoas começaram a pedir pra eu enviar o texto. Então o que eu fiz? Eu peguei, digitei o texto, digitei o texto de boa, tal. E cara, não sabia o que ia acontecer depois, e não coloquei o nome da Sarah. Eu não coloquei: "Esse texto é de Sarah Westphal Batista". Não coloquei.

**Juliana Deodoro:** Sim. Ele leu o texto em 63 turmas que tinham em média, uns 200 alunos cada. Só aí, o público inicial já cresceu exponencialmente. E não parou: o Valtinho enviou o texto por email pra todo mundo que pediu, sem o nome da Sarah.

Ou seja, é bem provável que numa dessas, alguém incluiu o nome do Veríssimo e a confusão tava criada. Foi por causa de uma ação - e um lapso - do Valtinho que a vida da Sarah mudou pra sempre. E que fez com que muitas pessoas lessem esse texto, que também pode ter mudado a vida delas.

**Sarah Westphal:** E é muito louco porque é como se a Sarah fosse um ente responsável por criar o "Quase", eu fosse um ente responsável por ajudar a divulgar o "Quase", que alguém lá no meio do caminho colocou o Luís Fernando Veríssimo, e tudo isso para criar um texto que é um clássico – clássico no sentido que daqui 10, 15, 20 anos – e eu sei porque eu leio há 20 anos esse texto. Ele continua marcando as pessoas.

**Juliana Deodoro:** Mergulhar nessa história me fez pensar quais foram os momentos que mudaram a minha rota. Qual decisão fez a minha vida ir pra um lugar e não outro. Quem foram as pessoas que talvez tenham influenciado pra que meu rumo fosse totalmente diferente? Eu digo momentos e pessoas, porque acredito que são vários, tá? Mas quando a gente é jovem, como a Sarah era, tudo parece muito mais determinante.

Quando eu tinha a mesma idade dela, por exemplo, eu conheci o Cleiber Pacífico, meu primeiro chefe - e também professor. Ele coordenava a Rádio da UFMG, onde eu estudei, e foi fundamental pra que eu estivesse aqui, hoje, fazendo exatamente isso que eu to fazendo agora, contando essa história em um podcast.

O Pacífico morreu recentemente e a partida dele me bateu num lugar muito profundo porque ele foi a primeira pessoa que me mostrou o potencial que eu tinha. Pra Sarah, essa pessoa foi o Valtinho.

**Sarah Westphal:** A gente procura a referência o tempo todo. É sempre muito interessante quando alguém aparece com alguma coisa diferente pra te oferecer, pra te mostrar: "Olha, dá pra fazer diferente. Eu já fiz diferente". Então esse professor era sempre essa chegada na aula e esse chacoalhão assim: "Você tá pensando desse jeito? Dá pra pensar desse outro jeito aqui também, sabe?" Então terminava essas aulas querendo me manifestar, então acho que foi por isso que mandei esse texto para frente, porque então queria que ele soubesse que eu estava pensando a mesma coisa que ele, sabe?

**Juliana Deodoro:** Por isso, não devia ser uma surpresa - apesar de ter sido, pra mim - que a versão preferida da Sarah do "Quase", aquela que ela acha mais bonita, mais marcante, mais importante — diante de todas que foram lidas por aí — seja a do Valtinho.

**Sarah Westphal:** De tudo o que o "Quase" virou, o que eu gostei mais foi o jeito que meu professor de redação leu o texto. Esse ano, quando

deu 20 anos do "Quase", ele gravou o texto e compartilhou no Instagram dele.

**Valtinho:**

*Ainda pior que a convicção do não e a incerteza do talvez é a desilusão de um quase. É o quase que me incomoda, que me entristece, que me mata trazendo tudo que poderia ter sido e não foi.*

**Sarah Westphal:** E eu pensei: "Cara, esse texto é bonito mesmo quando ele lê", porque eu acho que foi essa combinação da primeira vez que eu passei o texto para frente e ele leu, realmente tinha um impacto. Foi por isso que as meninas da primeira fileira gostaram tanto.

---

**Branca Vianna:** Essa foi a Juliana Deodoro, colaboradora da Rádio Novelo.

Obrigada por ouvir mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta. No post desse episódio no nosso site, tem o texto completo do "Quase", e tem também um link pra vocês votarem nessa chamada aberta de nomeação de quase-luas. Se você quiser falar com a gente, é só escrever pro e-mail [apresenta@radionovelo.com.br](mailto:apresenta@radionovelo.com.br).

E pra ficar sabendo de eventos, publicações, conhecer outros podcasts nossos, descobrir a cara do pessoal que faz a Novelo, tudo isso – é só seguir a gente nas redes sociais. No Twitter, no Instagram, e no YouTube, procura por "Rádio Novelo". E tem também a nossa newsletter, que dá pra se inscrever no nosso site.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux.

A direção executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Evelin Argenta, a Bia Guimarães, a Sarah Azoubel e a Carol Pires.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, a Júlia Matos e a Ashiley Calvo.

A checagem deste episódio foi feita pelo Bruno Lima e pela Caroline Farah.

Nesse episódio, a gente usou música original de Kiko Dinucci, e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

A nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

E a nossa estagiária é a Isabel de Santana.

Obrigada, e até a semana que vem.